



JOSÉ TROUFA REAL

# 'LUANDA É HOJE UMA CIDADE DOENTE'

Coordenador, em 1973, do Plano Director de Luanda, o arquitecto Troufa Real lamenta que a capital viva numa «desorganização mental». Culpa técnicos estrangeiros que «nem sabem o que são árvores». E diz que a nova capital Angólia não é só sonho seu

Entrevista de PEDRO PROSTES DA FONSECA Fotografias de JOÃO FRANCISCO VILHENA e projectos do ateliê de Troufa Real

**LUANDA E LISBOA são as duas cidades onde vive. Como se relaciona com cada uma delas?**

É em Luanda que vivo mesmo quando estou em Lisboa. Descobri Lisboa quando tinha 12 anos. Ia chumbar no 2.º ano do Liceu Salvador Correia, o meu pai era um humilde funcionário da Câmara de Luanda, e estudar era um luxo. Ele era muito austero e disse-me: 'Vais para Lisboa'. Fui viver para o Bairro das Colónias com a minha mãe e os meus irmãos e matriculei-me na Escola Portuguesa, ao pé da Igreja dos Anjos, que era a escola que acolhia os maus alunos. Ali conheci o Nicolau Breyner, o Manuel Pinto da Costa, o Miguel Trovoada...

**Voltando um pouco atrás. Nasceu em Luanda...**

Sim, em 1941, num posto médico que ainda existe. Nós vivíamos na cave, o

**«A MINHA MÃE ERA FILHA DE UM VELHO CABOQUEIRO ANGOLANO, QUE FUNDOU COM O NORTON DE MATOS A CIDADE DO HUAMBO»**

meu pai era electricista e acendia e apagava as luzes da cidade, ou seja, era o encarregado geral da iluminação de Luanda. A minha mãe era filha de um velho caboqueiro angolano, o Deodoro Faria, que fundou com o

Norton de Matos a cidade do Huambo em 1912. Era republicano e maçom, fugiu de Chaves numa rebelião, meteu-se num barco e foi para Benguela.

**Que memórias guarda desses primeiros anos em África?**

Tudo o que tenho hoje. Luanda acabava na escola 7, onde está hoje o Hotel Trópico, e ainda tenho amigos dessa infância. Um deles é o Presidente José Eduardo dos Santos, cujo pai era amigo do meu. Ainda me lembro como se fosse hoje desse miúdo de pernas finas e de fato que aparecia com o pai no posto médico. Eu, nessa

altura, gostava muito de desenhar e fui apresentado ao director do *Provincia de Angola*, que num artigo escreveu: 'Assim nasceu um pintor em Luanda'. Depois fiz uma exposição na Livraria Lello, apoiada pelo Centro Cultural de Angola, e foi aí que descobri que gostaria de ser pintor.

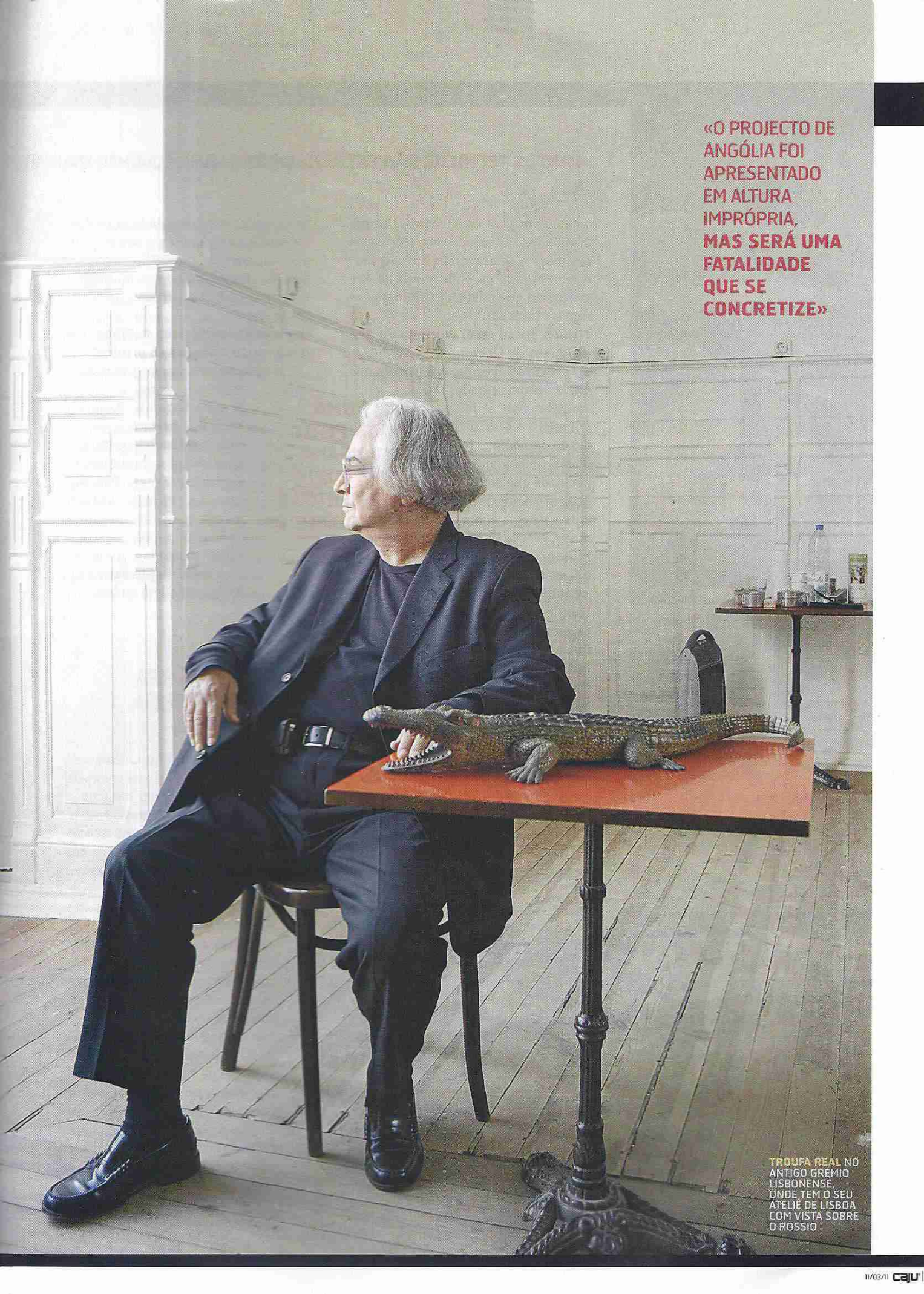
**Que idade tinha?**

Sete anos.

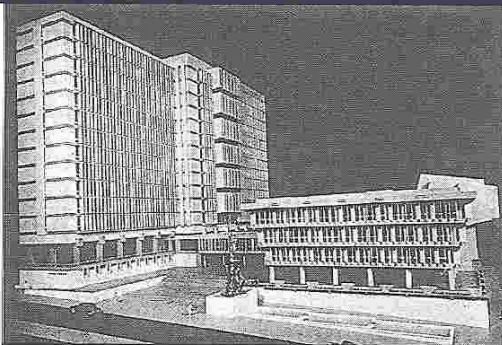
**Tinha na família alguém ligado às artes?**

Ninguém. Nem sabiam o que eram as artes. Como me foi dito que na pintura não se ganhava a vida, a arquitectura surgiu como um acaso. Eu não precisava de ganhar a vida, mas a minha mãe disse-me: 'Vais para a Belas-Artes e vais fazer Arquitectura'. E eu fui, sem saber o que era arquitectura. Olhava para os edifícios como os olho hoje. Felizmente recuperei esse lado. Na cidade olho para as pessoas. Os edifícios não me interessam. Passeio na cidade e olho para a cara das pessoas, nem olho para os passeios, nem para »

«O PROJECTO DE  
ANGÓLIA FOI  
APRESENTADO  
EM ALTURA  
IMPRÓPRIA,  
MAS SERÁ UMA  
FATALIDADE  
QUE SE  
CONCRETIZE»



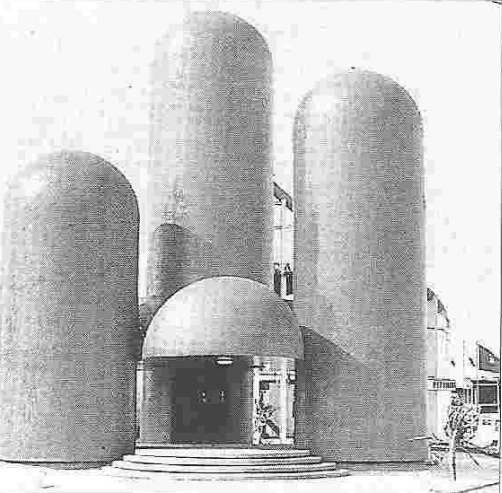
TROUFA REAL NO  
ANTIGO GRÉMIO  
LISBONENSE,  
ONDE TEM O SEU  
ATELIÉ DE LISBOA  
COM VISTA SOBRE  
O ROSSIO



PALÁCIO DA JUSTIÇA DE LUANDA - 1966



BANCO PINTO E SOTTO MAYOR, LUANDA - 1971



PAVILHÃO NOCAL NA FEIRA INTERNACIONAL DE LUANDA - 1972



ANGÓLIA, CIDADE DOS SANTOS - 1978

## «MUITOS TÉCNICOS SÃO ESTRANGEIROS E JULGAM QUE VÃO ENSINAR

o céu, nem para os edifícios. Porque as cidades são as pessoas. Interessante mais o andar onde nasceu Fernando Pessoa ou onde viveu Sá Nogueira do que o edifício onde nasceram ou viveram.

### Tirou o curso na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa...

Teve de ser, porque em Angola não havia universidades. O Amílcar Cabral foi para Portugal, o Mário de Andrade também... havia a Casa dos Estudantes do Império, de que sou filiado e que era o ponto de encontro entre ricos e pobres. E a malta ia toda para lá. Durante o curso trabalhei com o Cassiano Branco, apoiei a candidatura do General Humberto Delgado e fui preso a 28 de Junho de 1961, na Estefânia, a fugir da Casa dos Estudantes do Império.

### Quando se dá o regresso a Angola?

Mal terminei o curso regresssei a Luanda e fui trabalhar para a Câmara Municipal da cidade, como bolsheiro. Dois ou três anos depois era nomeado director do Gabinete de Urbanização – que era uma grande responsabilidade – e uns anos mais tarde coordenador do Plano Director da Cidade de Luanda, trabalhando com uma grande equipa francesa. Nesse tempo tinha que ir a Paris quase de 15 em 15 dias. O Mendes de Carvalho, que era enfermeiro na Casa de Saúde de Luanda, ia ter comigo à minha casa, no Prenda, às quatro da manhã, quando saía do turno da noite, e entregava-me uns envelopes para eu levar ao Paulo Jorge. Ele estava na Argélia e ia a Paris receber os envelopes da minha mão. Obviamente que eram as coisas do MPLA. Eu faço parte da geração dos apaixonados do MPLA, que é um movimento nacionalista mas também um movimento portador daquilo que são todas as liberdades que contribuíram para a liberdade em Portugal.

### Quanto ao Plano Director de Luanda...

Foi aprovado em 1973. Em finais de 1974, antes da independência, fiz par-

te de um grupo convidado pelo Presidente Agostinho Neto e organizado pelo Mendes de Carvalho para ir a Lusaka. Encontrámo-nos na mata e apresentei o Plano Director ao Agostinho Neto.

### Quais as linhas mestras do Plano? Em que medida foi levado à prática?

Em tudo o que eram as grandes directrizes, como a expropriação para utilidade pública dos bairros a que se chamam históricos musseques – Sambizanga, Marçal, Rangel, Palanca, Prenda, Cayatte. Porque antigamente tudo aquilo tinha dono e as populações iam sendo afastadas. A cidade do asfalto empurrava a cidade onde vivia a identida-

**FOI NUMA MATA PERTO DE LUSAKA QUE, EM 1974, APRESENTOU O PLANO DIRECTOR DE LUANDA A AGOSTINHO NETO**

## PONTE AÉREA ENTRE LISBOA E LUANDA

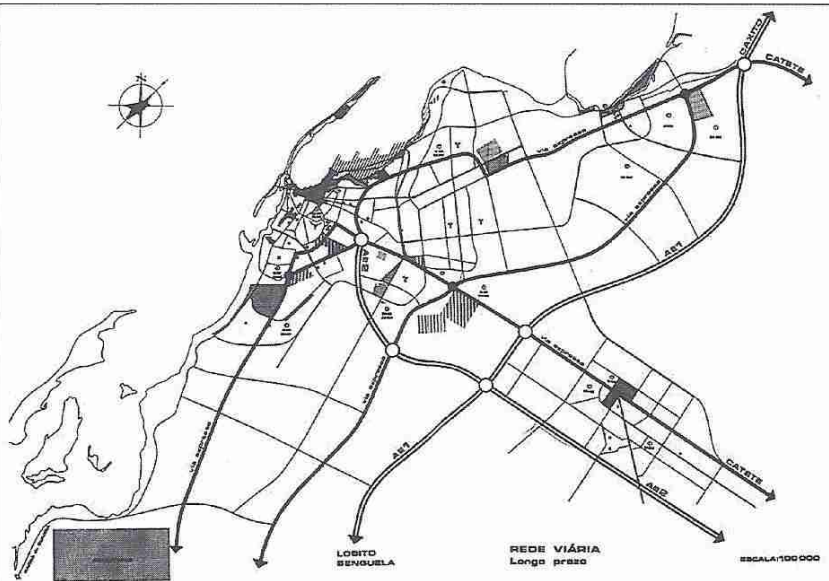
José Deodoro de Faria Troufa Real nasceu em Luanda em 1941 e toda a sua vida saltou entre as capitais angolana e portuguesa. Fala de uma relação umbilical entre as duas terras de destino: «A água que se bebe em Angola é dos rios portugueses. E até há bem pouco tempo, o segundo mercado mais importante de Angola, a seguir ao Roque Santeiro, era a Feira do Relógio em Lisboa». A recuperar a mobilidade de um AVC sofrido em 2009, o arquitecto faz hoje a ponte aérea ainda com mais frequência, para tratamentos de fisioterapia na capital portuguesa, onde reabilita o antigo Grémio Lisbonense para se tornar o espaço de acolhimento do seu ateliê e cenário para exposições e projecções de filmes para os amigos. É com entusiasmo que faz o papel de cicerone, mostrando as soluções que escolheu para a recuperação do histórico edifício na Rua dos Sapateiros, com vista sobre o Rossio. Descreve-se como um arquitecto antimoderno, surrealista, maçom, católico, membro do MPLA e amigo de José Eduardo dos Santos.

## OS ANGLANOS A VIVER A CIDADE»

de nacional – onde havia a luta de libertação. E nesse plano desempenhei um papel determinante.

### Os bairros históricos ficaram protegidos, mas hoje têm problemas...

Toda a cidade esteve praticamente protegida em termos de desenvolvimento urbano até ao fim da guerra. Depois entrou em roda livre. A guerra que foi ganha pelos militares está a ser perdida pelos civis, com grande responsabilidade técnica – não política. Porque os políticos e os dirigentes não têm que saber de urbanismo, nem de arquitectura, nem de tráfego. Muitos dos técnicos são estrangeiros e julgam que vão ensinar os angolanos a viver a sua cidade. Há uma empresa – que não digo o nome – que contribuiu para o conflito que é hoje a cidade de Luanda. É de um país do deserto, que não sabe o que são árvo-



PLANO DIRECTOR DA CIDADE DE LUANDA - 1973

res, que não sabe o que é água. Corta as árvores, dá cabo dos jardins, rebenta com tudo. E não digo o nome porque não faço campanha positiva nem negativa sobre ninguém. Faço uma leitura técnica. Luanda está numa região equatorial onde as ár-

vores desempenham um papel essencial no ambiente.

### Como qualificaria a Luanda de hoje?

Como as cidades são as pessoas, Luanda é hoje uma cidade doente. Todas as pessoas sem excepção, começando na presidência e acabando no »





PALÁCIO DE JUSTIÇA DE BENGUELA - 2003

mais humilde cidadão, estão doentes. Pela desorganização mental que é a cidade, pela destruição dos jardins e dos parques verdes, pela destruição das árvores centenárias, pela destruição das ruas e ruelas a favor do automóvel. Por aquilo que vem de fora e que os dirigentes por vezes não conseguem travar.

**Sente-se de alguma forma traído pelo que foi feito a Luanda?**

Traído não. Eu agora viro costas. Só recebo ordens do Presidente – que é um jovem da minha idade, que eu estimo por razões diversas. Gosta de música – eu adoro –, é um humanista e é um homem conciliador. Ele reconci-

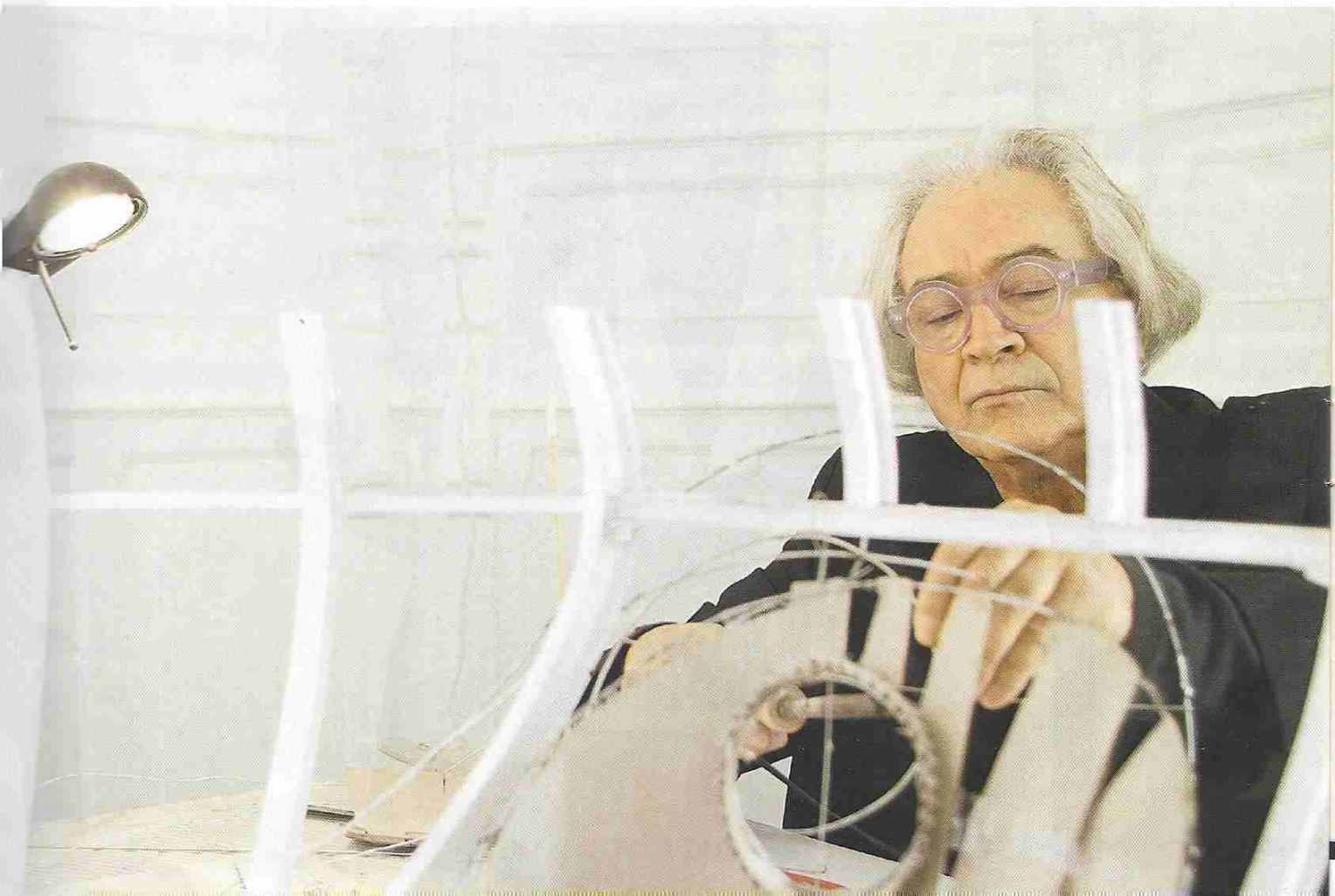
**«EU AGORA VIRO COSTAS. SÓ RECEBO**

liou a minha geração, mesmo dentro do MPLA, que estava desavinda.

**Quais são as suas obras mais importantes em Angola?**

Uma das mais importantes é o Palácio de Justiça de Luanda, resultante de um concurso público que ganhei em 1966. E que uma empresa chinesa e uma outra libanesa destruíram. Era uma obra de arte no verdadeiro sentido da palavra, tinha cálculos do prof. Edgar Cardoso. Depois, quando a OIT [Organização Internacional do Trabalho] obrigou a que os edificios públicos passassem a ter condições para os trabalhadores, refeitórios, biblioteca, parques de estacionamento, transformaram o Palácio da Justiça numa espécie de hipermercado Colombo. A maior parte daquilo não satisfaz os magistrados nem ninguém. Foi tudo feito sem rosto, sem arquitecto.

**Mas é possível desvirtuarem assim um projecto arquitectónico?**



## ORDENS DO PRESIDENTE DE ANGOLA, QUE É UM JOVEM DA MINHA IDADE»

É possível, é. Em Angola e em todo o mundo. O desvirtuamento que tentaram fazer na minha Igreja de Miraflores, em Portugal – que está embarcada – foi a mesma coisa, mas eu tive a sorte de ter um autarca que se chama Isaltino Morais que teve a coragem de dizer: ‘Meus amigos, pára o baile’. E em Portugal a Ordem dos Arquitectos tem algum poder e os direitos de autor têm algum significado. Há muitos arquitectos que ganham causas em tribunal.

**O que não sucede em Angola...**

Em Angola a Ordem não existe – existe um embrião. As faculdades de arquitectura são de universidades privadas. Tenho uma afilhada e prima minha, a Ângela Mingas, que é uma combatente pelos direitos

**ACUSA UMA EMPRESA CHINESA E OUTRA LÍBIA DE TEREM DESTRUÍDO O SEU PALÁCIO DE JUSTIÇA DE LUANDA**

que o Pancho Miranda Guedes há muito tempo reclama, que é o de dar aos arquitectos os mesmos direitos que eram aos escritores e aos artistas. Também tenho uma outra obra que foi destruída há pouco tempo, na Maianga, feita para o Banco Pinto e Sottomayor e que foi polémica.

**Destruída porquê?**

Para fazerem um outro banco. Era uma homenagem ao Bartolomeu Cid e a um artista angolano. Em Veneza, por exemplo, ninguém toca na loja da Olivetti feita pelo Scarpa. Em Cascais, ninguém toca na loja de discos feita pelo Tomás Taveira, pelo Sá Nogueira e pelo Herberto Helder. Tenho um projecto que ainda existe, o pavilhão da Nocal; fiz vários estudos sobre os museus de Luanda e sou o

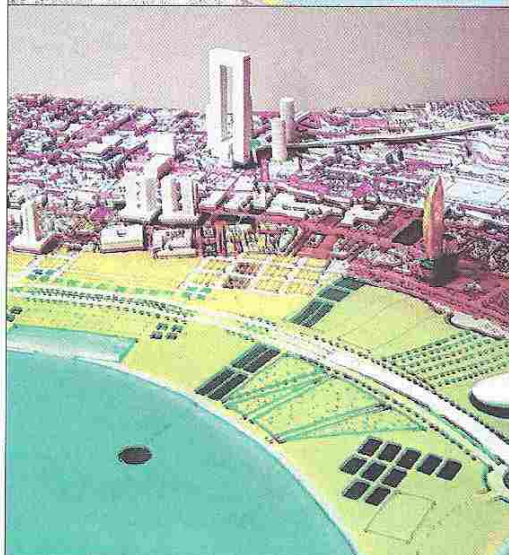
coordenador daquilo a que se chama o ‘Novo Bairro Golfe’. Orgulho-me de tudo o que lá está feito. E tenho outras obras, como a Siderurgia Nacional ou a reconversão do Teatro Avenida.

**Voltando aos problemas de Luanda.**

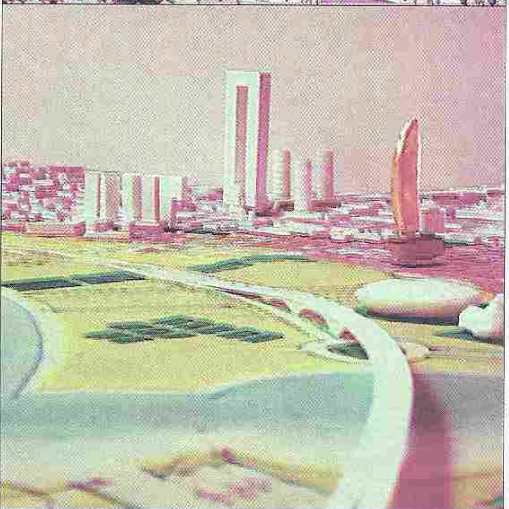
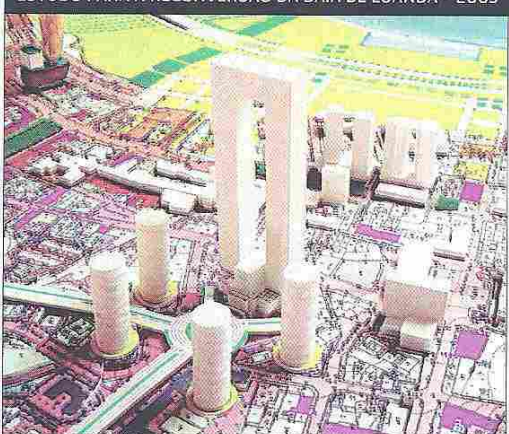
Luanda é uma cidade com seis milhões de pessoas. Aquilo são Luandas... Há um casco interno que é o histórico, onde se incluem os bairros da periferia de Luanda – a Vila Alice, a Vila Clotilde, o Sambizanga, o Bairro Operário, o Rangel, o Palanca, o Prenda, o Clube do Atlético, tudo isso. Há depois um anel que é uma Luanda de *bidonville*, um bairro da lata com gente que veio do interior do país e outra que imigrou do estrangeiro – do Zaire e dessas regiões – e não tem onde trabalhar.

**Migrações que tiveram que ver de alguma forma com a guerra?**

Não. São fenómenos que aconteceram também em Paris ou em Lisboa. Ali vivem três milhões de pessoas. Um sistema que vive de uma sustentabilidade de baixo nível, mas onde há economia, onde há educação, onde há tudo, mas que não tem nada que ver com os padrões do Estado angolano. É como no Rio de »



ESTUDO PARA A RECONVERSÃO DA BAÍA DE LUANDA - 2003



## SOLIDÁRIO

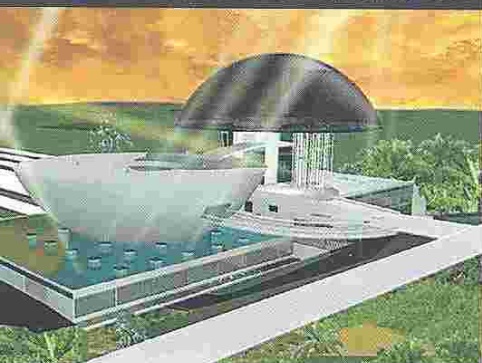
Aldeia da Fraternidade – é o nome dado por Troufa Real ao seu mais recente projecto, que ofereceu para o Dande (província do Bengo). À semelhança da ‘Unidade de Vizinhaça’ de Corbusier, será uma ‘Unidade Cívica’ para trabalhadores e patrões, num terreno de 81 hectares, com um máximo de três pisos por casa e densidade de 30 habitantes por hectare. Terá uma igreja numa praça de estilo colonial greco-romano, com arena com arcada «tipo cabo Espichel», onde «pode acontecer de tudo». Existirão lojas pequenas «para o merceiro ou para o artista» que viverão no andar em cima. E um templo maçónico, um clube recreativo – «à moda antiga para se jogar cartas e conviver» – e um cemitério com o primeiro crematório de Angola. E também pequenas casas em banda e moradias geminadas com mais de 50% de quintal. Pequenos lotes com hortas para as classes trabalhadoras, escola comercial «à moda antiga», escola de artes e ofícios, centro comercial com ar condicionado e espaço de feira com frigoríficos «para armazenagem de peixe seco, mandioca, tudo» são outras valências da aldeia. Em redor, um parque natural com o primeiro santuário de defesa de espécies em extinção.



INSTITUTO SUPERIOR JOÃO PAULO II, LUANDA - 2005



EDIFÍCIO 'SICCATA TOWERS', LUANDA - 2005



CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAIO, CABINDA - 2007

## «DESDE QUE ANGOLA SE TORNOU INDEPENDENTE FAZ BAIRROS MAS AINDA

Janeiro, e é um perigo. Há ali problemas graves de ambiente, de saúde pública, de gestão administrativa, de segurança, de tudo o que escapa àquilo que são os padrões essenciais contemplados na Constituição angolana no capítulo dos direitos, deveres e garantias. E depois há a já chamada 'linha expresso', que era a antiga Estrada da Circunvalação, onde, com a mudança do aeroporto, se estão a fazer novos bairros, alguns a começar a ir para o Bengo. E há umas coisas que não fazem sentido. Como é que a província do Bengo manda na Kissama que é em Kwanza Sul? São as pessoas que fazem as cidades. Os Cuanhamas [etnia que habita o Sul de Angola] estão mais bem organizados do que a cidade de Luanda. Têm milhares de anos, estão cheios de saúde, mantêm as tradições. Os contos e as histórias pré-coloniais ainda são contados. Mantém-se a tradição da reunião dos mais velhos, secreta e pré-colonial. Já Luanda é uma cidade colonial. Desde que Angola se tornou independente faz bairros, mas ainda não inventou uma cidade. E não se vai lá com condomínios, nem com cidades a 70 quilómetros de distância. Não é na periferia de Luanda que se resolvem os problemas de Angola. O problema da capital é um problema nacional. Quando estava a coordenar o Plano Director, e o presidente era Agostinho Neto, a primeira coisa que eu lhe disse foi esta (uma frase de um filósofo francês chamado Anatole Kopp): 'Changer la vie, changer la ville' [Mudar a vida, mudar a cidade]. E as pessoas sentaram-se comodamente na cidade colonial. Conclusão: ainda falta fazer a cidade.

**Angólia, a cidade que projectou para se tornar a nova capital angolana, seria a resposta para o problema de Luanda?**

Angólia é uma cidade política, de poder, de serviços, num sítio de baixa humidade e temperatura pouco elevada. Em Luanda, só à custa de ar condicionado é que se consegue desumidificar salas onde há equipamento informáti-

co, fotográfico, electrónico. Luanda é uma cidade muito cara. Não por especulação, tem mesmo que ser cara. Porque vive do ar condicionado, porque tem muitos serviços – concentra-se ali o poder político e o económico. E uma capital tem de ter um certo sossego.

**Acredita que Angólia venha mesmo a ser concretizada?**

O projecto foi apresentado há 33 anos, numa altura imprópria, estava-se em guerra, mas será uma fatalidade que ela venha a concretizar-se.

**E qual será o papel de Luanda se tal vier a realizar-se?**

Ficará como a cidade património mundial, a cidade histórica, da libertação. Tem bairros que têm que ser protegidos e classificados como foi a Mouraria em Lisboa, que atrai milhares de turistas.

**Além deste projecto, que outros tem para Angola?**

Está em construção o Campus Universitário de Cabinda, uma obra da iniciativa do Presidente da República e para o qual tive a honra de ser convidado por ele e pelo ministro das Obras Públicas de então, Francisco Higinio Lopes Carneiro. Perguntaram-me se eu era capaz de fazer um projecto em 45 dias. Fi-lo em 42 dias e é talvez a obra mais fantástica que fiz em toda a minha vida. Penso que estará pronta para as [eleições]

presidenciais [previstas para 2012]. Quem está a construí-lo é uma empresa chinesa, e está num desenvolvimento fascinante. Tenho também a Cidade da Graça em Benguela, um trabalho partilhado com dois colegas e uma equipa vastíssima. Depois tenho obras pontuais: o Tribunal de Contas, que é uma pedra cúbica – representa a transformação da sabedoria (a pedra bruta em pedra cúbica) – e alguns ministérios ainda em projecto, que vão aproveitar a imploração do edifício da Angola Telecom para serem construídos na Avenida Ho Chi Minh, que já tem o edifício da Rádio Nacional e o Ministério da Cultura. Porque a zona financeira está na baixa,

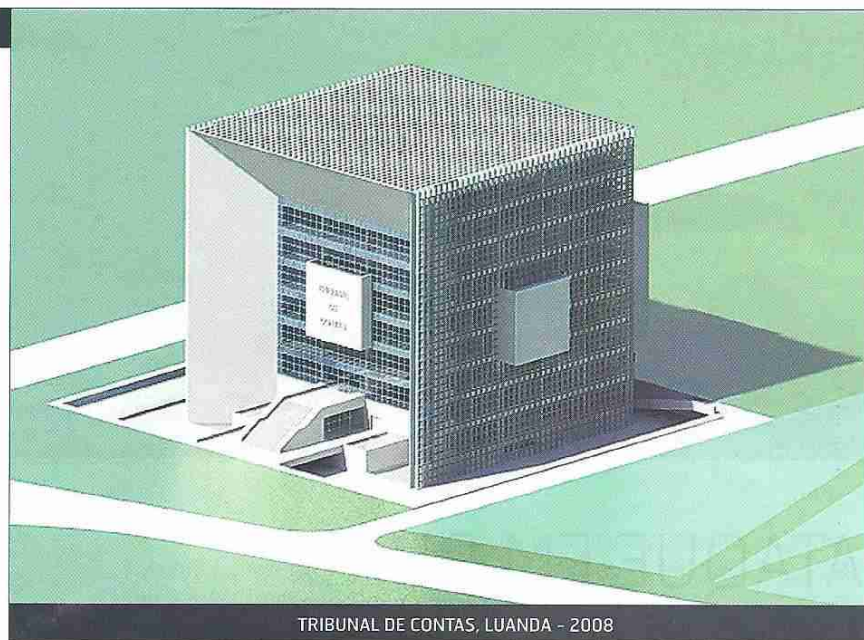
**«O MEU ATELIÉ É A MINHA CABEÇA, A MINHA CIDADE É LUANDA, O MEU PAÍS É ANGOLA, O MEU REFÚGIO É LISBOA»**

## NÃO INVENTOU UMA CIDADE»

foi decidido criar ali um sítio mais institucional. Estou também a trabalhar para os Dominicanos, que são para mim uma referência da Angola profunda. É uma sociedade ritualista que tinha um grande homem que morreu no ano passado e se chamava Frei João Domingos. Entregou-me alguns projectos fascinantes, como o edifício Oikos, em forma de pomba, no eixo viário. Entregou-me também o Instituto Superior João Paulo II, que é perto da zona dos ministérios.

### É fácil recrutar pessoas em Luanda para trabalharem consigo?

É tudo fácil. Sempre tive facilidade em partilhar o meu trabalho, com artistas, com poetas. Há jovens angolanos com quem partilho as discussões e trabalham comigo. O meu ateliê é a minha cabeça, a minha cidade é Luanda, o meu país é Angola, o meu refúgio é Lisboa. E quando morrer quero ser cremado e as



TRIBUNAL DE CONTAS, LUANDA - 2008

minhas cinzas metidas em cinco pacotes de açúcar com a inscrição: 'O arquitecto arrependido que gostava de ter sido marinheiro'. Desses cinco pacotes, um é para ficar na casa onde eu nasci, em Luanda. Outro vai para a terra da minha mãe, no Cuma (Huambo). Outro para a Igreja de S. Francisco Xavier (no

Alto do Restelo, em Lisboa) – que foi o culminar de um processo de 20 anos de uma igreja que não vou ver terminada. Outro para Angólia, e o último para ser metido onde a família quiser. Acho até que deveria ser distribuído num jantar, misturado num leite-creme. ●

pedro.p.fonseca@sol.pt

